



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

ANTONIA SIEBRA DE LIMA SANTOS

**O PAPEL DAS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA CONCEPÇÃO
DOS PROFESSORES**

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2012

ANTONIA SIEBRA DE LIMA SANTOS

**O PAPEL DAS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA CONCEPÇÃO
DOS PROFESSORES**

Monografia apresentada ao curso de
Especialização em Educação Infantil
da Universidade Federal do Ceará
(UFC) como requisito parcial à
obtenção do título de Especialista.

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2012

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a.Georgia Albuquerque de Toledo Pinto (FIC) – Presidente/Orientadora

Prof.Ms. Kátia Cristina Fernandes Farias (UFC)

Prof. Dr.^a Maria Socorro Silva (UFC)

ANTONIA SIEBRA DE LIMA SANTOS

**O PAPEL DAS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA CONCEPÇÃO
DOS PROFESSORES**

Monografia submetida à Coordenação do Curso de especialização em Educação Infantil da Universidade Federal do Ceará (UFC) como requisito parcial para a obtenção do título de especialização em Educação Infantil, sob a Orientação da Prof. Dr^a. Georgia Albuquerque de Toledo Pinto

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2012

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por fazer parte da minha vida e ser o meu escudo, minha fortaleza e minha fonte de vida, mas se existe uma pessoa que me incentivou e me motivou a realizar este trabalho foi o meu esposo. Nos momentos difíceis de desânimo, surgiu em minha vida esse ser, forte, otimista e solidário que não mediu esforços para ajudar e estender sua mão.

Meu agradecimento especial para minha cunhada e amiga Alvina, que me incentivou e deu forças inigualáveis nesta caminhada. Agradeço também a minha família que compreendeu a minha ausência e me apoiou em todas as minhas decisões e conquistas. E, a todas as pessoas, amigos e colegas que souberam compartilhar comigo o desejo e a ânsia em busca de mais conhecimento, experiência e novas descobertas.

O brincar, assim como a arte, o movimento, a expressão plástica, verbal e musical, é uma das linguagens expressivas do ser humano.

(Friedmann)

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo investigar o papel das brincadeiras na concepção dos professores de educação infantil em sua prática docente. Com este intuito, duas professoras da escola pública de Juazeiro do Norte – CE foram entrevistadas: a primeira, com mais de dez anos de trabalho na educação infantil, e, a outra, com apenas dois anos, ou seja, pouca experiência na área, ambas atuam com crianças de 4 e 5 anos de idade em turnos diferentes. Desta forma, foi possível fazer uma análise comparativa sobre a concepção de cada professora em relação às brincadeiras na educação infantil na sua prática docente. Como embasamento teórico, ressalta-se a importância de Vygotsky (2002), Wallon (2002), Piaget (2002), Froebel (2002) como os principais estudiosos e defensores do brincar como ferramenta essencial para o processo de desenvolvimento da criança. Com base nesta pesquisa, conclui-se que as concepções dos professores em relação às brincadeiras na sua prática docente são bem semelhantes, apesar da diferença profissional que cada uma possui. Neste sentido, percebe-se que as professoras colocam sempre atividades que incluem as brincadeiras de forma a enriquecer o processo do desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Palavras-chave: Ludicidade, prática docente na educação infantil, brincadeiras.

ABSTRACT

This research work has as objective, to investigate the paper of the games in the infantile education in the teachers' conception in his/her educational practice. With this intention, I interviewed two teachers of the public school of Juazeiro of the North - CE. A teacher, with more than ten years that works in the infantile education, and, the other, with only two years or be, inexperienced in this area, both act with children of 4 and 5 years of age in different shifts. This way, we can make a comparative analysis about each teacher's conception in relationship the games in the infantile education in his/her educational practice. As theoretical abasement, will emphasize the importance of Vygotsky (2002), Wallon(2002), Piaget (2002), Froebel (2002), as the main ones studios and defenders of playing as essential tool in the process of the child's development. With base in this research, can end that, the teachers' conceptions in relationship the games in his/her educational practice are very similar, in spite of the professional difference that each one possesses. In this sense, we noticed that the teachers always put activities that include the games, in way to enrich the process development and the child's learning.

Word-key: Ludicidade, educational practice in the infantile education, games.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	13
3. A BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	17
4. A HISTÓRIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.	22
4.1. As Brincadeiras Tradicionais	22
4.2. A Brincadeira faz-de-conta.....	23
5. O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	27
6. PRINCIPAIS TEÓRICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	29
6.1. Froebel.....	29
6.2. Vygotsky	32
6.3. Wallon.....	34
6.4. Piaget	35
7. METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS.....	38
7.1. Caracterização da Amostra	39
7.2. Análise de Dados das Professoras (1) e (2)	40
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
9. REFERÊNCIAS	
10. APÊNDICE	
11. ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

Estudos indicam que a concepção que o professor de educação infantil tem sobre a brincadeira repercute diretamente em sua ação pedagógica. Esse questionamento nos impulsiona a levantar, junto aos professores de uma Escola Municipal de Juazeiro do Norte, suas concepções em relação ao papel das brincadeiras na Educação Infantil.

Nessa perspectiva, esse trabalho nasce com o objetivo de investigar o papel da brincadeira na educação infantil na concepção dos professores e sua repercussão em sua experiência docente. A escolha deste tema vem justamente ao encontro de todas essas expectativas que a brincadeira proporciona à criança.

Na prática como professora, o envolvimento com o brincar torna-se intenso, procura-se participar das atividades direcionadas ao brincar, interagindo junto com as crianças, observando suas atitudes, suas capacidades físicas, motoras, sociais e afetiva, sempre como mediadora, conduzindo-as no caminho das descobertas, experiências e realizações.

O interesse por adentrar mais neste tema surgiu pelo fato de observar o modo como as professoras utilizam as brincadeiras com as crianças no seu cotidiano escolar, ou seja, na sua prática docente.

Percebe-se que muitas vezes estes momentos eram pouco frequentes, embora a escola dispusesse de espaços amplos e adequados para a prática da brincadeira. Então, o que faltava para que essas atividades fossem aplicadas de uma forma melhor? Nessa perspectiva, é que se pretende investigar o papel da brincadeira na concepção dos professores, frente à importância de que o brincar representa na vida da criança.

Na questão social e política, esta pesquisa enfatizará a importância do papel da brincadeira nessa fase da criança. Deste modo, a criança é concebida como sujeito histórico, social, cultural, político, de direito e que se desenvolve nas interações, nas relações com os outros e nas práticas cotidianas inseridas no seu contexto, na sua realidade sociocultural.

É necessário enfatizar que a ação da escola, juntamente com a família e comunidade, é imprescindível para a formação da criança. Com base na participação do planejamento, nas ações que abrangem a criança como foco do processo ensino-aprendizagem, estas práticas consequentemente contribuirão para o êxito e processo da criança em todos os sentidos. Isso, certamente, contempla todos que estão envolvidos na qualidade do desenvolvimento da criança.

Vale salientar que, segundo o artigo 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), as práticas pedagógicas são norteadas por dois eixos importantes, “as interações e as brincadeiras”, que certamente contribuirão no processo de desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos e de forma integral.

No contexto pedagógico, vale salientar que as experiências com atividades que envolvam as brincadeiras observam-se um maior interesse por parte de outras colegas acerca deste aspecto. Vê-se que na proposta pedagógica da escola um dos objetivos principais é “colocar a brincadeira no contexto da criança todos os dias, principalmente aquela relacionada apenas por brincar”.

Brincar por brincar como forma de puro divertimento, estabelecendo trocas com outras crianças, ou com adultos, esse brincar tem um fim em si mesmo e pode acontecer muitas vezes dentro ou fora da sala de aula, na hora do recreio etc. As brincadeiras são bastante enriquecedoras para a criança e, esta pesquisa, pretende incentivar ainda mais esta prática, tanto pela sua importância como pelo ponto de vista legal, cultural e social que a brincadeira representa.

O primeiro capítulo deste trabalho tem como foco a trajetória da educação infantil, no que se refere às leis, das quais, a partir desta, a educação infantil deu um grande impulso nas suas conquistas e vitórias, a partir da LDB (Lei nº 9.394/96) onde incorporou a educação infantil como primeira etapa da educação básica, enfocando a importância da concepção de criança em todos os seus aspectos.

Em contrapartida, a resolução de 2.009, nº 05 de 17 de dezembro vem também reafirmar esse compromisso e incorporar os avanços presentes na política e nas perspectivas dos movimentos sociais em prol da qualidade da educação infantil, com maior ênfase na importância voltada para a nova concepção de criança e o incentivo a formação do professor de educação infantil, além das políticas públicas enquanto responsáveis pelo processo de legalidade e proposta que viabilizam a valorização tanto das crianças como dos profissionais que atuam nesta área.

O segundo capítulo focaliza a importância da brincadeira na educação infantil, na visão dos teóricos, enquanto precursor do embasamento científico, tais como Vygotsky (2002), Froebel (2002), Wallon (2002), Piaget (2002) e outros. Estes teóricos colocam a brincadeira como parte principal na vida da criança e como a brincadeira pode contribuir para o desenvolvimento integral da criança em todos os seus aspectos.

O terceiro capítulo, como instrumentos desta pesquisa, mostra o perfil tanto da escola como também dos professores que dela fazem parte. Com base na pesquisa, podemos

concluir que as professoras utilizam as brincadeiras de forma bem semelhantes, apesar da diferença profissional de cada uma. Vale salientar que as professoras têm consciência do valor que a brincadeira representa para o desenvolvimento da criança.

2.A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Neste capítulo faz-se uma análise da história da educação infantil no Brasil a fim de entender como a brincadeira passa a fazer parte do cotidiano escolar na educação infantil.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – Lei nº 9.394/96) incorporou a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica e tem como objetivo o exercício de duas junções indissociáveis que são o educar e o cuidar. Esta lei deixa à margem a ênfase dada apenas ao caráter de cunho assistencialista, onde as crianças eram acolhidas no sentido apenas de serem guardadas, enquanto suas mães trabalhavam, sem nenhuma preocupação com o educar, ou seja, ampará-las para não deixar as crianças sem nenhuma assistência, pois se tratava de crianças de um nível social pobre que precisavam somente de cuidados pessoais e de higiene corporal, as quais eram assistidas por pessoas não qualificadas, da própria comunidade, deixando em segundo plano o caráter de educar.

Neste sentido, constata-se que a Educação Infantil teve que reelaborar suas concepções sobre a infância, sobre a educação e sobre seus serviços prestados.

Diante deste contexto, abordaremos um breve histórico da Educação Infantil no Brasil, iniciando com uma abordagem sobre a criança e as políticas que norteiam a Educação Infantil.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 foi um marco político e histórico quando reconheceu a Educação Infantil como dever do Estado. A partir desta Lei, as creches e pré-escolas passaram a construir uma nova concepção de criança, como direito do cidadão a uma educação pública gratuita e de qualidade.

Esta Lei representa uma grande conquista para a educação infantil, pois vem justamente reconhecer a valorização da criança como ser ativo, histórico, de direito e sobre tudo capaz de se desenvolver e ampliar seus conhecimentos.

Em 1990, iniciou-se a defesa do Estado pelo direito da criança à Educação, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA Lei Federal, nº 8069/90), sendo este órgão responsável pela definição da prática de atendimento à criança e ao adolescente, através da criação de entidades como o Conselho Nacional, Estadual e Municipal dos direitos da criança e do adolescente e da implantação dos Conselhos Tutelares.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece, dentre suas diretrizes, que as políticas públicas de atendimento aos direitos da criança e do adolescente passam a ser organizadas em sistemas descentralizados e reafirma a participação popular, oportunizando a

prática e o fortalecimento da cidadania participativa e o controle social na formação e na implantação de políticas públicas para a infância.

Sabemos que, com a implantação desta Lei, à criança e o adolescente fica assegurado o direito a saúde, a alimentação, a educação, ao esporte e ao lazer, a igualdade e o respeito.

Em 1994, surge a elaboração do documento de Política Nacional de Educação Infantil (PNEI), “tendo como principais objetivos, a expansão da oferta de vagas para criança de 0 a 6 anos de idade, o fortalecimento nas instâncias competentes, da concepção de educação e cuidado como aspectos indissociáveis das ações dirigidas às crianças e a promoção da qualidade do atendimento em instituições de Educação Infantil”.

Essa melhoria passa também por uma política de formação do profissional da Educação Infantil, na qual se discutia a necessidade e a importância de um profissional qualificado para atuar em creches e pré-escolas como condição básica para a melhoria da Educação Infantil.

Este documento vem despertar no professor que atua na Educação Infantil mais disponibilidade em procurar se qualificar cada vez mais no sentido da melhoria da qualidade da educação das crianças.

Em 1996 surge a LDB (Lei nº 9.394/96), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, evidenciando a importância da Educação Infantil que passou a ser considerada como primeira etapa da educação Básica.

A partir dessa Lei a criança passa a ser concebida como sujeito de direitos, assegurando a Educação Infantil, pela primeira vez na história da legislação brasileira, como direito das crianças. Tem como finalidade “o desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos de idade, nos seus aspectos físico, psicológico, intelectual, cognitivo, afetivo e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Assim, as creches e pré-escolas, passam a ser vistas como locais legítimos de favorecimento do desenvolvimento infantil, uma vez que tem a função de educar e cuidar das crianças nas suas múltiplas necessidades, especificidades, com propostas voltadas para uma visão de criança, como ser ativo, que “constrói conhecimentos de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejo da criança” (Artigo 9º inciso-I).

Em 1998, foi elaborado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, como um conjunto de propostas e orientações pedagógicas que servirão como base para a ação do professor na sua prática cotidiana.

O RCNEI consiste em um currículo elaborado nos princípios básicos de respeito e dignidade, considerando as diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas e religiosas. Deste modo, está disposto o direito das crianças de brincar como forma particular de expressão, pensamento, interação e envolvimento corporal, de forma a contribuir para o seu desenvolvimento integral. Segundo o RCNEI. (1998 p: 23)

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidado, brincadeira e aprendizagem orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito, confiança e o acesso pelas crianças aos conhecimentos, mais amplo da realidade cultural e social...

Desta forma, o RCNEI reafirma em sua proposta o que está na Lei anteriormente citada, onde a criança deve ser o centro de toda proposta curricular, da qual fornece subsídio para que o professor possa se respaldar com mais consistência e responsabilidade nesta proposta.

Na realidade, este é um fato que ainda circula em nosso meio educacional, onde alguns profissionais provavelmente engavetam esse tipo de documento, ou até mesmo ignora a sua real importância de como ele pode nos ajudar e nos orientar em nosso trabalho com as crianças. Em 2009 a resolução nº 05 de 17 de dezembro:

Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, articulam-se às Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e reúnem princípios fundamentais e procedimentos definidos pela câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação para orientar as políticas e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares de Educação Infantil. (MEC, SEB, 2010).
(...) A revisão e atualização das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil é essencial para incorporar os avanços presentes na política, na produção científica e nos movimentos sociais na área (...)
(MEC, 2009).

Este documento (MEC 2009) vem justamente ao encontro de grandes discussões e debates de órgãos sociais, grupos de pesquisas, conselhos tutelares, ministério público e a comunidade de forma geral na luta em defesa da qualidade da Educação Infantil.

Como também, neste processo de revisão, ocorreram mudanças em relação no que se refere a novas concepções sobre a educação de crianças, no que diz respeito às práticas

pedagógicas voltadas para o desenvolvimento integral da criança, suas especificidades, ou seja, que desenvolvam um trabalho junto às crianças de 0 a 5 anos de idade em creches e pré-escolas, mais precisamente em instituições de educação infantil.

Neste sentido, são de grande relevância essas decisões tomadas em prol da valorização não só com relação à criança, mas no incentivo à formação inicial e continuada dos professores da educação infantil, pois se considera de suma importância que haja políticas que se envolvam nesta luta em defesa da qualidade da educação infantil.

3. A BRINCADEIRANA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sabemos que a infância é um período privilegiado durante a vida humana para o desenvolvimento de brincadeiras diversas, entretanto o que poucas pessoas sabem é que a criança aprende e se desenvolve nos mais amplos sentidos, por meio das brincadeiras. É através das brincadeiras que a criança explora o meio em que vive e aprende mais sobre os objetos da cultura humana. O brincar é uma ferramenta essencial e necessária ao processo de desenvolvimento da criança.

Segundo Vygotsky (2002) “A brincadeira é compreendida como situação imaginária, criada pelo contato da criança com a realidade social.” Dessa forma, quando a criança brinca, internaliza seus desejos, deixa fluir sua imaginação, seus anseios, ela se satisfaz plenamente, aprende mais rápido e a sua assimilação é mais duradora,deixa a mente disponível para a aprendizagem.

A “brincadeira” é um assunto muito discutido entre vários estudiosos e teóricos a cerca da importância do brincar na educação infantil e a importância do papel da brincadeira no desenvolvimento da criança. Segundo Kishimoto (2010).

O brincar é a atividade principal do dia a dia da criança. É importante porque dá o poder à criança para tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, os outros e o mundo, repetir ações prazerosas, partilhar brincadeiras com o outro, expressar sua individualidade e identidade, explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura para compreendê-lo, usar o corpo, os sentidos, os movimentos, as várias linguagens para expressar situações que lhe chama a atenção, solucionar problemas e criar.

Neste trabalho de pesquisa, tomaremos como base teórica a perspectiva Vygotskyana onde ele enfatiza que:

A brincadeira permite que a criança crie e fantasie à vontade, pois no brincar, ela não tem compromisso com a realidade, o imaginário se transforma em real e lhes provoca uma sensação de muitos prazeres e o domínio sobre o inesperado oculto e do improvisado. Segundo Vygotsky (1988) afirma: que o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança.

Ao brincar a criança interage com outras crianças ou com adultos, assim ela aprende e constrói novos significados do mundo social e cultura da qual está inserida.É no brincar que a criança se satisfaz plenamente, aprende mais rápido e sua assimilação é mais duradora, forma a mente disponível para aprendizagem.Do ponto de vista de Vygotsky (1984):

A brincadeira traz vantagens social, cognitiva e afetiva, onde ela possui três características: a imaginação, a imitação e regra, elas estão presente em todas as brincadeiras infantis, tanto nas tradicionais, quanto nas brincadeiras de faz-de-conta, como nas que existem regras.

Baseado nestas teorias percebe-se a grande importância das brincadeiras na vida da criança, pois é através dela que desenvolve suas habilidades e interage com o mundo, investigando, negociando, criando hipóteses, conflitos e assim construindo seu próprio eu, resgatando desta forma sua autonomia, seus valores e, possivelmente, contribuirá para o seu desenvolvimento integral e para sua vida.

Brincar é tão importante para a criança como trabalhar é para o adulto. É o que a torna ativa, criativa e lhe dá oportunidade de relacionar-se com as outras, também a faz feliz porque através do brincar ela expressa suas necessidades e desenvolve suas potencialidades, ela compara, analisa, nomeia, mede, associa, classifica, compõe, conceitua, cria, deduz. Segundo Froebel (apud Bertoldo e Ruschel, 2003)

Brincar é a fase mais importante da infância, do desenvolvimento humano [...] A brincadeira é a atividade mais pura da criança, neste estágio, ao mesmo tempo típica da vida humana, enquanto um todo da vida-natural interna do homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz com o mundo.

A sociabilidade da criança se desenvolve, ela faz amigos, aprende a compartilhar o respeito dos outros e as normas estabelecidas pelo grupo, se envolve nas atividades apenas pelo prazer de participar, sem usar recompensa e nem temer castigos. Brincando, a criança estará buscando sentido para sua vida, sua saúde, física, emocional e intelectual. Vygotsky (1994) afirma:

Ainda que se possa comparar a relação brinquedo-desenvolvimento, a relação instrução-desenvolvimento o brinquedo proporciona um campo muito mais amplo para as mudanças quanto à necessidade e consciência. A ação na esfera imaginativa, em uma situação imaginária, a criação de propósitos voluntários e a formação de planos de vida reais e impulsos volitivos aparecem ao longo do brinquedo, fazendo do mesmo o ponto mais elevado do desenvolvimento pré-escolar. A criança avança essencialmente através da atividade lúdica, somente neste sentido pode-se considerar o brinquedo como uma atividade condutora que determina a evolução da criança.

Percebemos que, através da atividade lúdica, a criança fica mais alegre, se entusiasma, vence obstáculos, desenvolve a coordenação motora e o raciocínio lógico, adquire mais confiança em si e aprimora seus conhecimentos.

Brincando a criança pode entender melhor como muitas coisas funcionam, ao mesmo tempo em que pode entender melhor a si mesmo ao experimentar diferentes maneiras de brincar. Neste sentido, a criança descobre diferentes formas de expressões e de elaboração das suas emoções e sentimentos, como alegria, medo, tristezas, amizade, solidariedade. Para Wallon(1995):

As emoções se destacam como desencadeadora das ações da criança. A afetividade ocupa lugar central na vida da criança, sendo o ponto de partida para a constituição humana, atribuindo-lhe um papel preponderante na evolução da consciência de si. Dessa forma não é uma das dimensões humana, mas também a primeira fase do desenvolvimento.

A ação e a reação da criança pela brincadeira já acontece nos primeiros meses de sua vida, ela descobre o mundo pelos sentidos; ouvindo, olhando, cheirando, tocando e por meio das atividades sensório-motoras é que a criança aprende. À medida que ela cresce podemos observar que ela desenvolve suas habilidades cognitivas, corporais, emocionais e sociais, que contribui para o seu desenvolvimento.

Neste sentido, têm-se observado, mais precisamente na sala do berçário, crianças entre seis meses e doze meses de idade, que elas compartilham das descobertas nas brincadeiras, pelo simples fato de manipular um objeto, um brinquedo, de tocar no coleguinha, de abraçar, enfim, através destas características básicas, a criança desde pequena já se depara com o universo do brincar e esse brincar se dá por meios dos sentidos, onde ela própria explora-se e neste momento ela socializa, imagina, surge conflitos, imita, experimenta e constrói inúmeras situações das quais contribuirá para o seu desenvolvimento. Para Piaget (1971):

Os jogos se distinguem em três tipos de estruturas que caracterizam o jogo infantil e fundamentam a classificação por ele proposto: o jogo de exercício, os simbólicos e a regra. “o nascimento do jogo dá-se nas fases iniciais do desenvolvimento [...]

No contato com crianças tão pequenas, a princípio, surge o pensamento na combinação entre a teoria e a prática que enfatiza “Piaget” nas suas teorias sobre os jogos e brincadeiras e percebe-se que realmente condiz com o que vemos no dia-a-dia do trabalho como docente. De fato, a criança pequena usa o brinquedo apenas pelo prazer de manipular e por mero divertimento. No entanto, essas atividades lúdicas são de fundamental importância

no processo de aprendizagem da criança, onde nesta fase ela começa a estimular a sua fala, ou seja, é a fase do desenvolvimento pré-verbal.¹

Para Vygotsky (1994), “inicialmente, o brincar da criança é marcado pela predominância de uma situação imaginária sobre um sistema de regras”. Quando a criança brinca de faz-de-conta, tipo brincando de escola, de professora, de mamãe etc. Neste momento flui primeiramente sua imaginação, depois ela própria estabelece limites àqueles que estão brincando com ela.

Partindo do surgimento das regras Vygotsky (1994) esclarece que “brinquedo passa por um fim em si mesmo, para um objeto final que é ganhar.”

Neste ponto de vista, segundo Vygotsky (1992), “os jogos especificamente aqueles em que as regras estão explícitas, estabelece objetivos e a criança se submete a elas”.

Na perspectiva Vygotskyana, em toda atividade lúdica existem regras e a própria situação imaginária da criança, no momento da brincadeira, já contém regras, embora não intencional, mas explicitamente já se manifestam regras.

Um exemplo concreto desta teoria, na qual Vygotsky se refere, não passa despercebida pela prática docente, toma-se como exemplo uma professora do infantil IV, onde no momento em que as crianças brincam de faz-de-conta, na hora da contação de história, do brincar livre, percebe-se que elas estabelecem regras e determinam quais papéis cada uma terá que ocupar, ou até mesmo se oferecem para ser determinada pessoa, ou objetos. Esses comportamentos são decisivos para o desenvolvimento da criança porque permitem-lhe novas aprendizagens, novas descobertas nas situações cotidianas que fazem parte de sua realidade. Kishimoto (2002) comenta que Froebel:

Defendia o valor do lúdico na infância e a expressão de liberdade como meio para o ensino. E a proposta se caracterizava no caráter lúdico, pois esse era o fator determinante da aprendizagem das crianças.

Neste sentido, a valorização dos jogos e brincadeiras na prática pedagógica são atividades mediadoras para o desenvolvimento integral da criança, onde através deles a criança dá significados, cria, fantasia, faz de conta, tem oportunidade e iniciativa de expressar sua fala, seus desejos e sua imaginação.

A contribuição do brincar para o desenvolvimento da criança reflete como meio para compreender melhor o funcionamento das emoções e da personalidade de cada uma e por meio das relações uns com os outros; no brincar, compartilhando, a criança comunica-se

¹ Pré-verbal: anterior a um verbo, posição pré-verbal que ainda não é capaz de falar.

verbalmente, se expressa por meio dos gestos, movimentos. Sobretudo, as interações sociais são fundamentais nesse processo de desenvolvimento da criança proporcionadas através do brincar. Segundo Kishimoto(2002):

As obras de Froebel desperta o interesse pela auto-atividade da criança, liberdade de brincar e expressa tendências internas e pelo jogo como fator de desenvolvimento integral da criança. Entretanto, o aspecto mais importante de sua teoria: o papel da brincadeira enquanto elemento para o desenvolvimento simbólico da criança passa um tanto despercebido na prática pedagógica.

Percebe-se que naquela época já havia a preocupação quanto à importância da atividade lúdica no ponto de vista teórico, embora não tendo toda ênfase para esse ponto, ou seja, não levando tão a sério na questão do brincar, como parte primordial para o desenvolvimento da criança. Kishimoto (2010 apud FROEBEL, 1912) relata que:

(...) A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo (...). Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz com o mundo. O brincar em qualquer tempo não é trivial é altamente sério e de profunda significação.

Froebel ressalta que o brincar é a principal fonte do desenvolvimento na primeira infância, que é o período mais importante da vida humana, um período que constitui a fonte de tudo o que caracteriza o indivíduo, toda a sua personalidade.

Froebel reconhecia que o jogo varia conforme a idade da criança. O professor não deve menosprezar esse aspecto e sim observar com atenção e trabalhá-lo adequadamente, auxiliando e mediando conforme a necessidade de cada uma.

A brincadeira é uma forma privilegiada de aprendizagem e na medida em que vão crescendo as crianças trazem para suas brincadeiras o que vêem, escutam, observam e experimentam. As brincadeiras ficam mais interessantes quando as crianças expressam seus desejos, têm iniciativas, surgem novas descobertas e se encontram com o que as brincadeiras proporcionam.

É interessante que o professor tenha uma visão não só de mediador, mas que ele proponha desafios e instigue todas as possibilidades necessárias para que a criança se reconheça como sujeito ativo, criativo, autônomo, capaz, aquele que constrói sua história.

4. A HISTÓRIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

4.1 As Brincadeiras Tradicionais

Os jogos e brincadeiras tradicionais que encantam e fazem parte do cotidiano de várias gerações de crianças estão desaparecendo na atualidade devido às transformações do ambiente urbano e rural, dando influência aos jogos eletrônicos.

Atentemos para a importância de resgatar os jogos tradicionais na educação e socialização da infância, pois brincando e jogando a criança estabelece vínculos sociais, ajusta-se ao grupo e aceita a participação de outras crianças com os mesmos direitos; obedece às regras traçadas pelo grupo, como também propõe suas modificações e aprende a ganhar, mas também aprende a perder.

É na experiência lúdica que a criança, assim como o adulto, cultiva a fantasia, vivencia a amizade e solidariedade, traços fundamentais para se desenvolver uma “cultura solidária” na sociedade brasileira.

Grande parte dos jogos tradicionais infantis como ciranda cirandinha, cabra-cega, barra manteiga, queimada, jogo de pião, pedrinhas, amarelinha, entre outras que encantam e fazem parte do cotidiano de várias gerações de crianças estão desaparecendo. Para alguns autores como: Cascudo, Freyre, Manso, Florestan e outros, o universo lúdico é essencial para o desenvolvimento infantil, pois ele foi e continua a ser uma verdadeira “introdução ao mundo”. Segundo Cascudo (1984):

Os jogos tradicionais infantis fazem parte da cultura popular, expressam a produção espiritual de um povo em uma determinada época histórica, são transmitidas pela oralidade e sempre estão em transformação, incorporando as criações anônimas de geração para geração.

A noção de brincadeira tradicional compreende o contexto mais amplo da cultura da qual faz parte o folclore e, mais especialmente, a cultura infantil. (...) as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imaginação (...) constituem o fato folclore (BRANDÃO, 1982).

Percebe-se que as brincadeiras tradicionais são expressivamente transmitidas de uma geração a outra, fora das instituições oficiais, na rua, nos parques, nas praças e assimiladas pelas crianças de maneira espontânea, mudam de forma com o passar do tempo, variam suas regras, culturas e grupos sociais, mas o conteúdo permanece o mesmo.

Sobretudo, não podemos negar as transformações ocorridas através dos tempos no que se refere ao brincar, as mudanças sucedidas através das gerações da modernização fizeram com que houvesse algumas transformações para as brincadeiras tradicionais, embora compreenda-se o quanto as brincadeiras tradicionais têm uma posição de alta qualidade, influenciando satisfatoriamente as necessidades de desenvolvimento das crianças nos dias atuais, oferecendo ricas possibilidades de estímulos para as mais diversas atividades físicas, motoras, afetivas, sociais e linguísticas.

Todavia, com a preocupação em resgatar as brincadeiras infantis, inclusive as tradicionais para o âmbito escolar, mas precisamente para a educação infantil surge o PAIC², Programa de Alfabetização na Idade Certa, que enfoca a importância em colocar no contexto escolar da educação infantil propostas onde as brincadeiras, tanto tradicionais como as contemporâneas, sejam parte primordial no cotidiano da criança, ou seja, que os professores reveja esta questão e as coloque em prática partindo do princípio “planejamento”. Que o brincar seja destaque a partir da elaboração do currículo, da proposta pedagógica da educação infantil.

Contudo, é relevante enfatizar que, com a implantação do PAIC, o brincar passa a ser fator predominante na educação infantil, inclusive destacando em todas as suas formações este tema e principalmente no que se refere ao artigo 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2009), que devem ter como eixos norteadores as interações e brincadeiras e, sua contribuição, tem sido relevante para a prática docente, aonde vem esclarecendo e mostrando propostas riquíssimas no que se refere às brincadeiras, enfatizando sempre estratégias significativas, como: oficinas práticas, com brincadeiras tradicionais, músicas e danças, fazendo com que a rotina da educação infantil seja vivenciada com riqueza e qualidade.

4.2 A Brincadeiradefaz-de-conta

Neste momento a criança vive no mundo do faz-de-conta, exteriorizando e dando vida e significado ao objeto, imitando situações de seu cotidiano. Através dessas brincadeiras acreditamos que é possível, entre outros aspectos, desenvolver na criança a coordenação motora, o senso de cooperação, a oralidade e a expressividade, aprende a aceitar o outro,

² PAIC – Programa de Alfabetização na Idade Certa, criado em 2004 pela Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, através da iniciativa do Deputado Ivo Gomes.

impor regras. No momento em que a criança brinca de faz-de-conta ela está interagindo com outras crianças, ou até mesmo com os adultos, ela certamente estará aprendendo muitos significados do mundo social e cultural que vão sendo encontrados nas atividades lúdicas.

Sabe-se que no momento do faz-de-conta a criança explora o que vivenciou, ela internaliza, torna-as suas. Vêm-se estas situações na prática cotidiana, onde um simples pedaço de pau, cabo de vassoura, se transforma em um cavalo ou em uma espingarda.

Em uma sala de aula, ao colocarmos uma caixa grande cheia de brinquedos diversos, quando colocada no chão para as crianças brincarem livremente, percebe-se nitidamente algumas meninas imitando a mamãe com as bonecas no colo, dando mamadeira, comidinha, conversando entre si, outras fazendo de conta que é a professora etc. Os meninos pegam carrinhos e diz que é o motorista e outro diz que vai levar a moto para a oficina para consertar, outra criança apanha telefone e disca para a mamãe falando como se estivesse funcionando.

Outro momento onde revelam a fantasia, do faz-de-conta, é na hora da história, pois cada criança quer ser um personagem, imitando realmente aquela cena. Estes momentos são fantásticos, onde de fato a criança se realiza, fica feliz no seu mundo imaginário, porém de grande sentido para sua formação e para a construção da autonomia e fortalecimento da sua identidade.

No faz-de-conta as crianças aprendem a agir em função da imagem de uma pessoa, de um personagem, de um objeto e de situações que não estão imediatamente presentes e perceptíveis para elas no momento em que evocam emoções, sentimentos e significados vivenciados em outras circunstâncias.

Ao brincar de faz-de-conta as crianças buscam imitar, imaginar, representar e comunicar de uma forma específica que uma coisa pode ser outra, que uma criança pode ser um objeto ou um animal, que um lugar “faz-de-conta” que é outro.

Brincar é um espaço no qual se pode observar a coordenação das experiências prévias das crianças e aquilo que os objetos manipulados sugerem ou provocam no momento presente. Pela repetição daquilo que já conhecem, utilizando ativação da memória, atualizam seus conhecimentos prévios, ampliando-os e transformando-os por meio da criação de uma situação imaginária nova.

Brincar constitui-se, dessa forma, em uma atividade interna das crianças, baseada no desenvolvimento e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira; também se tornam outros de seus papéis escolhidos, elaborando e colocando em prática suas fantasias e

conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto, podendo pensar e solucionar problemas de forma livre das pressões situacionais da realidade imediata.

É através do faz-de-conta que a criança tem a possibilidade de experimentar diferentes papéis sociais que conhece e vivencia nos cotidianos de suas histórias de vida. O contato com o brinquedo de faz-de-conta é mais do que o ato de repetir um modelo de ação que ela observou envolvendo um adulto e uma criança, pois exercita um papel de adulto vivenciado por ela na idade adulta-criança e esta seria também a forma de a criança poder compreendê-lo.

Nesta forma de brincar, mais do que simplesmente repetir modelos que ela observa, exercita diferentes papéis por ela vividos em suas relações com o outro, pois o que está presente no mundo das crianças e adultos certamente estará presente nos seus jogos e brincadeiras.

De alguma forma a brincadeira se faz presente e acrescenta elementos indispensáveis ao relacionamento com outras pessoas. Assim, a criança estabelece uma relação natural e consegue extravasar suas tristezas e alegrias, angústias, entusiasmos, passividades e agressividades, é por meio da brincadeira que a criança envolve-se no jogo e partilha com o outro, se conhece e conhece o outro.

Além da interação, a brincadeira, o brinquedo e o jogo são fundamentais como mecanismo para desenvolver a memória, a linguagem, a atenção, a percepção, a criatividade e habilidade para melhor desenvolver a aprendizagem.

Brincando a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação profissional, tais como atenção, afetividade, o hábito de concentrar-se, dentre outras habilidades.

Nessa perspectiva, as brincadeiras vêm contribuir significativamente para o importante desenvolvimento das estruturas psicológicas e cognitivas do aluno.

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade, mas principalmente na infância, na qual ela deve ser vivenciada, não apenas como diversão, mas com objetivo de desenvolver as potencialidades da criança, visto que o conhecimento é construído pelas relações interpessoais e trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a formação integral da criança.

O desenvolvimento da criança e seu conseqüente aprendizado ocorrem quando participa ativamente, seja discutindo as regras do jogo, seja propondo soluções para resolvê-los.

É de extrema importância que o professor também participe e que proponha desafios em busca de uma solução e de participação coletiva, o papel do educador neste caso será de incentivador da atividade. A intervenção do professor é necessária e conveniente no processo de ensino-aprendizagem, além da interação social, ser indispensável para o desenvolvimento do conhecimento.

Conclui-se que o aspecto lúdico voltado para as crianças facilita a aprendizagem e o desenvolvimento integral nos aspectos físico, social, cultural, afetivo e cognitivo. Enfim, desenvolve o indivíduo como um todo, sendo assim, a educação infantil deve considerar o lúdico como parceiro e utilizá-lo amplamente para atuar no desenvolvimento e na aprendizagem da criança.

Deste modo, é fundamental o papel existente nestas brincadeiras e cabe aos professores incentivar o resgate destas brincadeiras no sentido relevante de desenvolver vivências e experiências expressivas na vida da criança.

5. O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O professor, conforme Piaget (2003), tem um importante papel na mediação da relação epistemológica, ou seja, da relação da criança com o conhecimento, assim como na constituição da identidade e da autonomia da criança.

E quando nos referimos a prática do professor logo vem em mente o termo competência e, assim, dentre as competências, como aponta Penteadado (2001), a serem criadas e trabalhadas por um profissional da educação infantil está situada na capacidade de um bom relacionamento entre o professor e a criança, pois irá depender desse relacionamento uma situação propícia para o processo ensino-aprendizagem. E como bem ressalta o referido autor:

Esta relação, que existe em função de um trabalho dos alunos com o conhecimento, mediado pelo professor, o qual deve ter o papel de facilitador, freqüentemente assume características desvirtuadoras de sua finalidade. Uma boa relação confunde-se muitas vezes com aquela em que um professor “bonzinho”, “camarada”, “amigo”, fecha os olhos para as exigências do trabalho escolar, prioriza circunstâncias particulares de existência do aluno, erigindo-as como pilares da inviabilização de um verdadeiro formador. (PENTEADO, 2001)

Portanto, a função real do professor é exercer o papel de mediador e que também está relacionado diretamente à ideia da construção do conhecimento, tanto como orientador do planejamento pedagógico, quanto da seleção e tratamento dos conteúdos curriculares. Para tanto, os profissionais que atuam na educação infantil precisam ter assegurados seus próprios direitos a uma educação que lhes permita serem autônomos e críticos no exercício da profissão.

Baseando-se na produção atual de conhecimento sobre formação do professor é importante que os projetos formativos se estruturam em torno das práticas escolares concretas e das reais necessidades dos professores no seu cotidiano, mas, ainda, na formação em serviço, é preciso valorizar os saberes oriundos da experiência docente, visando confrontá-los com os saberes acadêmicos. Nessa perspectiva o professor é visto como um sujeito social imerso na cultura e não de forma abstrata e deslocado da sua própria história.

Candido (2000) afirma:

Enquanto brincam, muitas vezes as crianças não têm consciência do que estão aprendendo, do que foi exigido delas para realizar os desafios envolvidos na atividade. Por isso, pedir que alguma forma de registro seja feito após a brincadeira faz com que os alunos reflitam sobre as suas ações e permite ao professor perceber se eles observaram, aprenderam e se apropriaram dos aspectos mais relevantes que foram estabelecidos como metas ao se planejar a brincadeira escolhida.

Certamente, este é um procedimento que possibilita que o professor tenha conhecimento da importância das brincadeiras na vida das crianças e isso requer conhecimentos acerca desta temática e que ele possa adotar algumas posturas, a fim de alcançar mais eficazmente seus objetivos. Contudo, além do professor ser um observador, ele também assumirá o papel de orientador, numa perspectiva desafiadora, tendo um olhar perspicaz para as especificidades de cada criança e verificar quais as dificuldades e avanços existentes no seu grupo. Assim, por meio das brincadeiras, o professor poderá construir uma visão do processo do desenvolvimento de cada criança em particular, registrando suas capacidades e, sobretudo, a aprendizagem.

6. PRINCIPAIS TEÓRICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Apresentamos, neste capítulo, a visão dos teóricos acerca dos jogos e brincadeiras, cujas contribuições norteiam as atividades lúdicas na educação infantil.

Dentre eles destacamos: Piaget (2002), Vygotsky (2002), Wallon (2002) e Froebel (2002).

Optamos por estes teóricos por fazerem parte da compreensão de que a criança é inserida em um contexto social, cultural e por acreditarem nos seus discursos no que concerne aos jogos e brincadeiras para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança.

6.1 Froebel

Frederich Froebel (1782-1852) nasceu na Turíngia, região da Alemanha, e a principal contribuição pedagógica desse pioneiro resulta da atenção para com as crianças na fase anterior ao ensino elementar, ou seja, a educação de primeira infância. Ele funda os *Kendergarten*, que significa jardim de infância, em alusão ao jardineiro que cuida da planta desde pequena para que cresça bem, pressupondo que os primeiros anos do homem são básicos para a sua formação, (ARANHA, 2002).

Froebel (1782-1852) dá uma acentuada importância à criança, a seus interesses e atividades e valorizam sua liberdade de expressão que pode acontecer por meios de brincadeiras livres e espontâneas, que segundo ele, devem ser realizadas em cooperação com os outros, em trabalhos de que todos participem. Entende que é por meio do brincar que a criança adquire a primeira representação do mundo.

De acordo com Aranha (2002), Froebel foi o primeiro a reconhecer verdadeiramente a importância do lúdico. Criador e fundador do jardim de infância.

Froebel, como ressalta Aranha (2002), concebia a criança como uma planta, a qual precisa de carinho e cuidados especiais desde a mais tenra idade, para tornar-se um adulto equilibrado.

Dessa forma, a criança teria mais condições de viver melhor por meio da relação que mantinha com os brinquedos e jogos direcionados, livres ou espontâneos.

Assim, Froebel, APUD Aranha (2002), privilegia a atividade lúdica por perceber o significado e a função da brincadeira para o desenvolvimento sensório-motor e ainda cria

métodos para ampliar a capacidade intelectual através da relação com objetos, transformando-os de acordo com a imaginação e vivência.

Kishimoto (2002) comenta que Froebel defendia o valor do lúdico na infância e a expressão de liberdade como um meio para o ensino. E a proposta Froebel se caracterizava no caráter lúdico, pois esse era o fator determinante da aprendizagem das crianças.

Assim, a autora afirma:

[...] Froebel acreditou na criança, enalteceu sua perfeição, valorizou sua liberdade e desejou a expressão da natureza infantil por meio de brincadeiras livres e espontâneas. Instituiu uma Pedagogia tendo a representação simbólica como eixo do trabalho educativo, sendo reconhecido por isso como psicólogo da infância.

Ao valorizar uma educação através de jogos, como ressalta a autora, mesmo que não tenha sido Froebel o primeiro experimentador, mas foi ele que elevou o jogo como parte primordial da prática pedagógica ao fundar o “jardim da infância com o uso de jogos e brinquedos”, (KISHIMOTO, 2002).

Froebel, conforme a autora, afirma que as brincadeiras e jogos são atividades que caracteriza a criação de significados como: o faz-de-conta e fantasias, em ambientes livres e espontâneos, utilizando o próprio corpo para iniciativa e expressar sua fala, representando no próprio imaginário.

Segundo Kishimoto (2002):

“As obras de Froebel despertam o interesse pela auto-atividade da criança, liberdade de brincar e expressar tendências internas e pelo jogo como fator de desenvolvimento integral na criança. Entretanto, o aspecto mais importante de sua teoria: o papel da brincadeira enquanto elemento para o desenvolvimento simbólico parece ter sido pouco percebido”.

Pelas colocações da autora, percebe-se o valor que Froebel atribuía às atividades lúdicas na educação da criança. Contudo, desde aquela época, nem todos achavam que esse tipo de atividade deveria ser levado a sério.

Kishimoto (2002) comenta que no Brasil as palavras como “jogo”, “brinquedo e brincadeira” são usados de maneira vaga e isso representa a definição restrita que ainda existe neste campo.

Froebel, em seu livro, a “educação do homem” inicia sua explicação de como se dá o desenvolvimento humano, em especial o infantil, afirmando que “Deus é o principio de tudo e que a vida do homem deve buscar harmonizar-se com sua divindade e com todas as outras criações”.

O jogo e o desenvolvimento infantil na criança, devendo o educador estar sempre atento a esse dois processos, pois toda atividade externa da criança é fruto de sua atividade interna, para a realização do autoconhecimento com liberdade.

Froebel elege o jogo como seu grande instrumento, juntamente com os brinquedos. O jogo seria um mediador nesse processo de autoconhecimento por meio do exercício de exteriorização e interiorização da essência divina presente em cada criança, levando-a assim a reconhecer e aceitar a “unidade vital”. Froebel foi o pioneiro ao reconhecer no jogo a atividade pela qual a criança expressa sua visão de mundo.

Segundo Froebel, o jogo seria também a principal fonte do desenvolvimento na primeira infância, que para ele é o período mais importante da vida humana, um período que constitui a fonte de tudo o que caracteriza o indivíduo, toda a sua personalidade. Por isso, ele considera a brincadeira uma atividade séria e importante para quem deseja realmente conhecer a criança.

A brincadeira é a fase mais alta do desenvolvimento da criança e do desenvolvimento humano neste período; ela é a representação auto-ativa do interno, a brincadeira é a mais pura, a mais espiritual atividade do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana como um todo.

A criança que brinca muito com determinação auto-ativa perseverantemente, até que a fadiga física proíba, certamente será um homem determinado e capaz do auto-sacrifício para a promoção do bem-estar próprio e dos outros.

[...] as brincadeiras da criança são as folhas germinais de toda a vida futura, pois o homem todo é desenvolvido e, mostrado nela, em suas disposições mais interiores. (Froebel, 1887 pg. 55, 56).

Froebel reconhecia que o jogo varia conforme a idade da criança. O professor não deve menosprezar esse aspecto, mas sim, ao contrário, observá-lo com atenção e trabalhá-lo adequadamente, auxiliando assim o desenvolvimento infantil.

No capítulo em que Froebel descreve a infância e a educação, ele chama a atenção para as diferenças existentes entre as brincadeiras, seriam mais centradas na atividade, no movimento, no início do processo de exteriorização da criança. No período chamado por ele de infância a brincadeira seria mais grupal que no período da primeira infância.

6.2 Vygotsky

Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) nasceu na Rússia czarista e, junto com seus colaboradores, desenvolveu uma teoria original e fecunda. Apesar de ter morrido muito jovem, produziu volumosas obras escritas, além de ter aplicado suas teorias em múltiplas atividades (ARANHA, 2002).

Vygotsky aponta o brincar como meio para criar situações simbólicas predominantes na primeira infância e que configuram o desenvolvimento dos processos psicológicos e a inserção social e cultural da criança. O brincar assume uma função fundamental no desenvolvimento do comportamento infantil pela criação da situação imaginária considerando que o que passa despercebido na vida da criança torna-se regra de comportamento na brincadeira.

Para Vygotsky, (apud ARANHA, 2002), a brincadeira, o jogo, são atividades específicas da infância nas quais a criança recria a realidade usando sistemas simbólicos. É uma atividade social com contexto cultural e social.

Vygotsky fala sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que é a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver, independentemente, um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema, sob a orientação de um adulto, ou de um companheiro mais capaz. (Vygotsky, 1994).

A noção de zona de desenvolvimento proximal interliga a sensibilidade do professor em relação às necessidades e capacidade da criança. As brincadeiras que são oferecidas à criança devem estar de acordo com a ZDP em que ela se encontra.

No processo de internalização é fundamental a interferência do outro, sejam a mãe, os companheiros de brincadeiras e estudo, os professores a fim de que os conceitos sejam construídos e sofram constantes transformações. A partir disso, Vygotsky chama atenção para o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ARANHA, 2002).

Vygotsky (1991) classifica o brincar em três fases. Na primeira fase, a criança inicia seu distanciamento do seu primeiro meio social, representado pela mãe; começa então, a falar, andar e movimentar-se em volta das coisas. É, é nesta fase que o ambiente a alcança por meio do adulto e pode-se dizer que esse período se prolonga até que a criança atinja uma idade de mais ou menos sete (7) anos.

A fase seguinte é caracterizada pela imitação, a criança copia o modelo dos adultos e de outras crianças. E a última fase se caracteriza pelas convenções que surgem através das regras e normas a ela associadas.

Vygotsky (1991) afirma que é enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento da criança. É no brinquedo e no jogo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva. Inicialmente, diante de um objeto inacessível, a criança apresenta os movimentos de alcançar e agarrar.

Esses movimentos são naturalmente interpretados pelo adulto e, através da ação deste objeto, é alcançado pela criança. Com isso, os movimentos da criança afetam a ação do outro e não o objeto diretamente.

A atribuição de significado que o adulto dá à ação da criança permite que este passe a transformar o movimento de agarrar em gesto de apertar; o gesto forma-se pela mudança de função e de estrutura dos movimentos, que deixam de conter os componentes de agarrar. Uma ação dirigida ao objeto. Vygotsky (1999):

Estabelecem uma relação estreita entre o jogo e aprendizagem, atribuindo-lhe uma grande importância para que possamos melhor compreender essa importância e necessário que recordemos algumas idéias de sua teoria do desenvolvimento cognitivo. A principal é que o desenvolvimento cognitivo resulta da interação entre a criança e as pessoas com quem mantém contato regular convém lembrar também que o principal conceito da teoria de Vygotsky o de zona de desenvolvimento proximal, que ele define como a diferença entre o desenvolvimento atual da criança e o nível que atinge quando resolve problemas com auxílio, o que leva à criança consequência de que as crianças podem fazer mais do que conseguiriam fazer por si só.

Conforme Vygotsky (1999), não é todo jogo da criança que possibilita a criação de uma zona de desenvolvimento proximal do mesmo modo que nem todo o ensino o consegue; porém, no jogo simbólico, normalmente, as condições para que ela se estabeleça estão presentes, haja vista que neste jogo estão presentes uma situação imaginária e a sujeição a certas regras de conduta. Sendo assim, o autor supramencionado afirma que “as regras são partes integrantes do jogo simbólico, embora não tenham o caráter de antecipação e sistematização como nos jogos habitualmente regrados”.

Ao desenvolver um jogo simbólico a criança ensaia comportamentos e papéis, projeta-se em atividades dos adultos, ensaia atitudes, valores, hábitos e situações para os quais não está preparada na vida real.

Ele também detecta no jogo outro elemento a que atribui grande importância: o papel da imaginação que coloca em estreita relação com a atividade criadora e firma que os

processos de criação são observáveis principalmente nos jogos da criança, porque no jogo ela representa e produz muito mais do que aquilo que viu.

Na visão sócio-histórica de Vygotsky (1999), a brincadeira, o jogo, é uma atividade específica da infância em que a criança recria a realidade usando sistemas simbólicos. Essa é uma atividade social, com contexto cultura e social.

A noção de zona proximal de desenvolvimento interliga-se, portanto, de maneira muito forte à sensibilidade do professor em relação às necessidades e capacidades da criança e a sua aptidão para utilizar as contingências do meio, a fim de dar-lhe a possibilidade de passar do que sabe para o que não sabe.

6.3 Wallon

O médico neurologista e psicólogo francês Henri Wallon (1879-1962), com base na concepção dialética marxista, orienta suas observações sobre as anomalias psicomotoras de criança doentes. Desenvolveu uma teoria para explicar o processo que se faz desde o movimento mais simples até o ato mental (ARANHA, 2002).

Wallon defendia que o brincar e o brinquedo participam juntos na estruturação do Eu e na aprendizagem da própria vida, no desenvolvimento afetivo, motor, intelectual e social. O brinquedo, nessa perspectiva é vista como um meio que possibilita à criança conhecer e analisar o mundo e construir sua personalidade. A organização do espaço e a disponibilização do material são elementos fundamentais para que a fluidez das emoções e do pensamento aconteça e necessário para o desenvolvimento da pessoa completa.

Na concepção walloniana, o termo infantil significa lúdico, pois toda atividade de criança é lúdica quando é exercida por ela mesma. O brincar é uma forma livre e individual.

Ele evidencia o caráter emocional em que os jogos se desenvolvem, demonstrando seu interesse pelas relações sociais infantis nos momentos do jogo e seus aspectos relativos à socialização. Sobre esse aspecto Wallon (1979) comenta:

A criança concebe o grupo em função das tarefas que o grupo pode realizar, dos jogos a que pode entregar-se com suas camadas de grupo e também das contestações, dos conflitos que podem surgir nos jogos onde existem duas equipes antagônicas.

Com isso, percebe-se o grande valor educacional das brincadeiras e jogos em grupo, mas, por outro lado, ele diz que a família e os educadores não permitem que a criança desenvolva todo seu potencial, não deixando que as crianças realizem tarefas que elas são capazes, como comer sozinha, vestir-se, calçar, tomar seu banho, escovar os dentes.

Com isso, o adulto, sem perceber, leva a criança à imobilidade e ao silêncio, não deixando que a ludicidade e a motricidade infantis sejam reconhecidas e respeitadas.

No entanto, a liberdade, a ficção e fantasias mantêm grandes afinidades nas brincadeiras, assim como no jogo simbólico no qual a criança recria a sua própria realidade.

Assim, o jogo constitui, simultaneamente, um estado atual e uma tendência futura, no qual as atividades surgem livremente pelo simples prazer em realizá-lo.

Segundo Wallon (1979), as brincadeiras se classificam em: as brincadeiras funcionais, as brincadeiras de faz-de-conta, brincadeiras de aquisição e a brincadeira de fabricação.

As brincadeiras funcionais podem ser movimentos muito simples, como estender e encolher os braços ou as pernas, agitar os dedos, tocar objetos, imprimir-lhes um balanço, produzir ruídos ou sons. É fácil reconhecer nelas uma atividade em busca de efeitos, elementares ainda, e dominada pela lei do efeito que dissemos ter uma importância fundamental para preparar a utilização calculada, cada vez mais apropriada e mais diversificada de nossos gestos.

Com as brincadeiras de faz-de-conta, cujo exemplo típico é brincar de boneca, montar num cabo de vassoura como se fosse um cavalo etc, intervém uma atividade cuja interpretação é mais complexa, mas também mais próxima de certas proposta de definição do brincar mais bem diferenciadas.

Nas brincadeiras de aquisição a criança fica, conforme uma expressão correta, toda olhos e ouvidos, ela olha, escuta, esforça-se para perceber e compreender: coisas e seres, cenas, imagens, relatos, canções, parecem captar toda a sua atenção.

Nas brincadeiras de fabricação, diverte-se em juntar, combinar entre si objetos, modificá-los, transformá-los e criar novos. Longe de ficarem eclipsadas pelas brincadeiras de fabricação, a ficção e a aquisição em geral têm um papel nelas.

6.4.Piaget

Jean Piaget (1896-1980) nascido da Suíça, embora não fosse propriamente pedagogo, muito influenciou a pedagogia do século XX. Suas primeiras obras aparecem na década de vinte e logo provoca viva repercussão, sobretudo a psicologia genética, que investiga o desenvolvimento cognitivo da criança desde o nascimento até a adolescência (ARANHA, 2002).

Para Piaget (1973), tanto a brincadeira como o jogo são essenciais para contribuir no processo da aprendizagem, por isso ele afirma que os programas lúdicos na escola são berço obrigatório das atividades intelectuais da criança.

Deste modo, essas atividades se tornam indispensáveis à prática educativa, pois contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual. E, em relação ao que foi dito, Piaget (1973) explica:

O jogo é, portanto, sob suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação da real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente a fim de que jogando elas cheguem a assimilar às realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores a inteligência infantil (PIAGET 1973).

Dessa forma, o autor comenta que ao lançar uma atividade desconhecida, seja um jogo ou uma brincadeira, o aluno entrará em conflito. No entanto, logo ao tomar conhecimento e compreender melhor as ideias, este estará assimilando e acomodando o novo conhecimento, motivo pelo qual Piaget acredita que a atividade lúdica é essencial na vida da criança, pois se constitui, em expressão e condição para o desenvolvimento infantil, já que quando as crianças jogam, elas assimilam e transformam a realidade.

Quanto a estas palavras que Piaget se refere às atividades lúdicas, (ANEXO A), fotos em que as crianças utilizam os jogos como forma primordial para expressar seus desejos e se desenvolverem, porque naquele momento se constitui de fato a aprendizagem, percebe-se que as crianças se concentram e adquirem atitudes de autonomia e senso crítico, apesar de serem crianças tão pequenas, mas através destas atividades surgem inúmeras experiências e conseqüentemente novas descobertas que contribuíram para o seu crescimento e amadurecimento.

Segundo Piaget, os jogos se classificam em jogos de exercício, jogos simbólicos e jogos de regras.

Os jogos de exercício predominam durante o estágio sensório-motor do desenvolvimento infantil que compreende os dois primeiros anos de vida da criança. A função desses jogos é o simples exercício pelo prazer do funcionamento. Diante de um novo brinquedo, ou simplesmente de qualquer objeto, a criança demonstra prazer em descobrir as suas características e experimenta todas as possibilidades de provocar efeitos nele ou com ele sobre o ambiente.

O jogo simbólico que predomina no período de dois a sete anos de idade surge com o aparecimento da representação simbólica, isto é, a criança passa a usar símbolos para representar os objetos reais. O símbolo implica a representação de um objeto ausente, há um elemento dado e um elemento imaginado.

Os jogos de regras têm início entre os quatro e sete anos, constituindo-se o jogo predominante apenas no período dos sete aos onze anos. Com aparição tardia, esse tipo de jogo é o que predomina entre os adultos, já que o jogo de exercício simples (brincar com um objeto) e o jogo simbólico (contar uma história) são bem mais raros entre nós. Esportes, jogos de xadrez e baralho, por exemplo, continuam a ser foco de interesse na idade adulta.

Segundo Piaget (1990), é exatamente o motivo do seu aparecimento tardio que mantém o jogo de regras presente entre nós: ele é a atividade lúdica do ser socializado. A regra supõe relações sociais ou interindividuais, é uma regularidade imposta pelo grupo e sua violação representa uma falta.

Neste ponto de vista, em que Piaget se refere aos jogos simbólicos e jogos de regras, (ANEXO B) as crianças demonstram muito interesse em brincar, simbolizando o que se passa na sua realidade, ou seja, elas transportam para o brinquedo aquilo com que elas convivem no seu dia-a-dia.

Já em outras fotos percebe-se que os jogos com regras se sobressaem enquanto elas brincam, pois com a mediação da professora ela intensifica que naquele momento faz-se necessário seguir a esses critérios para que haja melhor desempenho e assimilação dos mesmos.

7. METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo investigar o papel das brincadeiras na educação infantil na concepção dos professores, através de uma abordagem qualitativa. Definida tal qual Minayo (2006), afirma:

A pesquisa qualitativa responde questões muito particulares. Ela ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificados. Ou seja, ela trabalha com um universo dos significados, dos motivos, das operações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com os seus semelhantes.

Este trabalho de pesquisa foi realizado em uma escola pública de educação infantil da rede municipal de educação do Município de Juazeiro do Norte – CE, localizada na zona urbana, no bairro Pio XII, que atende 450 (quatrocentos e cinquenta) crianças de dois a cinco anos de idade, distribuídas nos turnos matutino e vespertino e tem como objetivo cuidar e educar numa abordagem construtivista e sócio-interacionista, entendendo a criança como ser humano integral, interagindo intensamente com o seu meio social e em constante crescimento e desenvolvimento, tal como em Vygotsky (1994).

Esta instituição foi fundada em 1989, com uma área territorial que mede aproximadamente 3.064,25 m², com onze salas de aulas, sendo quatro com banheiros adaptados para as crianças, um pátio grande coberto, um parquinho de madeira, uma área de lazer com areia e plantas, uma cozinha ampla com um depósito de armazenamento para os alimentos, uma secretaria e uma diretoria e mais dois banheiros externos para os funcionários e professores.

Em seu quadro de funcionários constam vinte e seis professores concursados e efetivos, sendo que dez são graduados em pedagogia, quatro em história, três em português, três em biologia e seis com magistério completo, uma diretora administrativa, uma coordenadora pedagógica, uma secretária, duas cozinheiras, quatro nos serviços gerais e dois porteiros, no total de trinta e sete funcionários.

A opção por esta instituição de ensino deu-se devido a ter uma boa referência, tanto na estrutura física como profissional, e por ser de fácil acesso, facilitando assim a comunicação com ela.

Neste sentido, utilizou-se como instrumento para esta pesquisa uma entrevista estruturada com duas professoras, na qual uma tem formação em pedagogia, apresentada como

a professora (1); esta tem mais tempo de trabalho nesta área. E, a outra, apresentada como professora (2), trabalha nesta área há pouco tempo e não tem muita experiência na Educação Infantil.

Pretendemos com isto fazer uma análise comparativa no que diz respeito à concepção das professoras em relação à brincadeira na educação infantil, quanto a sua prática pedagógica. Utilizaremos como recurso, para este trabalho, registros escritos e fotos dos momentos das brincadeiras na prática cotidiana das crianças.

7.1. Caracterização da Amostra

Para a realização desta pesquisa foram entrevistadas duas professoras que trabalham na educação infantil da rede pública de Juazeiro do Norte – CE.

A primeira professora (1) é graduada em pedagogia, concursada e efetiva. Ela exerce a função há mais de dez anos no infantil V, no período matutino e vespertino, com crianças de cinco e seis anos de idade.

O critério para escolha desta professora foi por tempo de experiência, por ter uma relação profissional fiel e dinâmica. Como também, por perceber que o seu trabalho com as crianças, em relação às brincadeiras, é estimulado e aplicado na sua prática como docente, com muita dedicação e responsabilidade.

A segunda professora (2) é graduada também em pedagogia, é concursada e efetiva, porém tem apenas dois anos na área de educação infantil. Ela trabalha com crianças de quatro anos de idade, no infantil IV no período da tarde.

A escolha desta professora deu-se por ser novata nesta área e também por perceber sua desenvoltura quanto à prática das brincadeiras com as crianças, embora com pouca experiência, mas ela gosta de brincar com seus alunos, e isso chamou a atenção.

O roteiro de entrevista estruturada, elaborada para ser usada como instrumento de coleta de dados com cada uma das professoras, tendo como ponto de partida um contato por telefone, cedido pela diretora da escola da qual trabalham. Neste período, elas se encontravam de férias e comunicação feita via telefone. Logo após aceitarem o convite, o dia e o horário foram marcados para a realização da entrevista na residência de cada uma, conforme agendado.

Não foi difícil chegar à residência delas, pois fica bem perto da escola, facilitando a locomoção até lá. A professora (1) foi a primeira a ser visitada, como marcado, a qual durou o período da manhã toda, ou seja, iniciou às 08:00 horas e durou até às 11:00 horas.

Ela disponibilizou este período para esta entrevista e sempre que fazia uma pergunta que estava no roteiro, sempre dava exemplo de sua prática, havendo sempre interferência de ambas as partes, mas sem haver interrupção por parte de terceiros, até porque naquele momento, apenas entrevistador e entrevistado estavam presentes, facilitando o diálogo eo objetivo deste encontro.

Um dos aspectos que chamou atenção nesta entrevista foi a tranquilidade quanto ao tema, pois a professora se transportou para a sua prática como se estivesse na escola com as crianças e isso foi muito significativo para este trabalho.

Quanto à professora (2) houve dificuldades em encontrá-la no dia marcado para a entrevista, pois estava doente com virose, e, assim,remarcada para a semana seguinte, que felizmente deu certo conforme previsto.

Em sua residência, a entrevista que durou todo o período da tarde, entre 13:00 horas às 18:00 horas, a professora se mostrou bem interessada no assunto, mas um tanto despreparadaquanto a postura do professor diante do conhecimento teórico das brincadeiras. Por conta da sua pouca experiência frente este tema, mas ela foi bem sincera no seu ponto de vista e nodesejo de procurar se aperfeiçoar melhor neste tema, que segundo ela“é a base para a valorização e o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos”, respondeu a contento as expectativas.

7.2 Análises de Dados das Professoras (1) e (2)

Os dados coletados a partir das entrevistas foram avaliados através de análise comparativa e apresentados a seguir. No que diz respeito à compreensão sobre o papel das brincadeiras na educação infantil, na concepção das professoras:

Quanto ao papel da brincadeira na educação infantil, a professora (1) relata que a “brincadeira é a base fundamental para que a criança se desenvolva e adquira conhecimento e que a mesma deve estar incluída em todos os momentos da criança”.

A professora (2), embora mais nova na profissão, segue com o mesmo pensamento da professora (1), ou seja, que a “brincadeira é muito importante para o desenvolvimento da criança” e que as brincadeiras devem ser primordiais no contexto escolar da criança.

Vemos aqui a utilização de um discurso comum independente da formação e da experiência das professoras e possivelmente as utilizações práticas dos referenciais

curriculares promovem uma integração de saberes importantes para o cotidiano da educação infantil.

Segundo os Referenciais Curriculares da Educação Infantil, (1998) “os jogos e brincadeiras permitem que as crianças estabeleçam relações ricas de troca, aprendam a esperar sua vez, acostumem-se a andar com regras, conscientizando-se que podem ganhar ou perder”.

Quanto à utilização da brincadeira em sala de aula, a professora (1) se preocupa em explicar qual a forma como irá apresentar a brincadeira para as crianças, com todo o cuidado e atenção para habilidades e limites que cada uma apresenta, ou seja, a professora (1) usa mais as brincadeiras como prática cotidiana, baseada em brincadeiras ditas apenas por brincar, ou seja, brincadeiras por puro divertimento, com fim em si mesmo. No entanto, ela se mostra interessada para o lado individual da criança, observando suas habilidades, ritmos e consequentemente os limites que cada uma possa desempenhar ao brincar.

Enquanto a professora (2), na utilização da brincadeira em sala de aula, segue todo um contexto pedagógico, onde para cada assunto destinado à sua aula, ela expõe de forma sistemática, seguindo todo um processo envolvendo a aprendizagem.

Neste contexto, segundo os referenciais curriculares, “o professor deverá ter o cuidado de contextualizar tais práticas para as crianças, transformando em atividades significativas e organizando-as de maneira que representem um crescente desafio para elas...”

É importante que o professor tenha esta visão, de proporcionar atividades em que as crianças possam manter relações em que as envolvam nas ações práticas do seu dia-a-dia, possibilitando um contato mais direto com novas descobertas e desafios, que proporcionem o confronto com sua realidade e que permitam situações de aprendizagens. Em relação ao conhecimento teórico sobre a brincadeira, a professora (1) mostra ser bem informada nesta questão.

Ela relata que “se interessa muito, quando se trata deste assunto” e que tem conhecimento sobre os estudiosos que falam sobre a importância da brincadeira na Educação Infantil. Já a professora (2), não tem tanto conhecimento teórico, quanto a primeira professora, embora goste de ler sobre este assunto, pois lhe desperta muito interesse e pretende buscar mais conhecimentos sobre o assunto.

É notório o interesse dos professores quando se trata das brincadeiras, elas se posicionam em buscar informações que venha auxiliar na sua prática. Quando conversado sobre este assunto, a professora (1) relatava que os seus teóricos preferidos eram Vygotsky e Piaget, onde eles retratam muito bem a importância da brincadeira na Educação Infantil.

Vygotsky (1988) enfatiza que:

Brincar é a atividade mais pura, mais espiritual do homem neste estágio, e ao mesmo tempo, típico da vida humana como o todo [...] Ele dá assim, alegria, liberdade, contentamento interno e descanso externo, paz ao mundo. Ele assegura as fontes de tudo que é bom. Uma criança que brinca por toda parte, com determinação, autônoma, perseverando até esquecer a fadiga física, poderá seguramente ser um homem determinado.

Em relação às brincadeiras utilizadas na escola, a professora (1) especifica algumas brincadeiras que ela usa com frequência no seu contexto escolar, enfocando para as brincadeiras tradicionais como: brincadeiras de faz-de-conta, cantigas de roda, adivinhações, sempre se envolvendo nestas brincadeiras.

A professora (2) utiliza as brincadeiras de forma aleatória, não como especificamente planejada, embora use muitas brincadeiras envolvendo os movimentos corporais, mímicas, jogos com bolas e danças.

Percebe-se que as professoras usam as brincadeiras como recurso pedagógico, embora a primeira enfoque as brincadeiras tradicionais como estratégia para sua prática e de forma diversificadas. Segundo Friedman (2006: 78):

As brincadeiras tradicionais são expressivamente transmitidas de uma geração a outra [...] Além de pertencer ao patrimônio lúdico-cultural infantil, a brincadeira tradicional traduz valores, costumes, formas de pensamento e ensinamento e faz parte da história de vida de cada indivíduo, cada grupo, cada geração.

É importante que o professor promova e valorize as brincadeiras, sejam elas tradicionais ou contemporâneas, que estimulam o resgate dessas brincadeiras além do muro da escola, que façam parte também do contexto familiar e da comunidade. Estas oferecem ricas possibilidades de estímulo para várias atividades físicas, motoras, sensoriais, sociais, afetivas, intelectuais, de forma a contribuir para o desenvolvimento das crianças.

Quanto aos momentos da brincadeira em sala de aula, a professora (1) utiliza de forma sistemática, ou seja, está na sua rotina diária, no seu plano de aula, o momento da brincadeira com as crianças cotidianamente. Isto faz parte do seu roteiro diário, pois ela considera que precisa organizar essas rotinas e colocar a brincadeira como fator primordial para a criança, principalmente no contexto escolar. No entanto, a professora (2) coloca o momento da brincadeira apenas nos intervalos das aulas, depois que as crianças tenham feito as atividades de sala. Desta forma, a brincadeira para ela tem um papel secundário, que pode ser utilizada em outro momento, de qualquer forma.

Enquanto a primeira professora aplica as brincadeiras de maneira bem sistemática, colocando fielmente no contexto escolar, na rotina diária, a segunda professora considera a

brincadeira como momento secundário, não a valorizando como primordial. Esse fato pressupõe o desconhecimento dela a respeito da importância da brincadeira no contexto educacional da criança, talvez por conta da falta de experiência nesta área.

Segundo o Referencial Curricular da Educação Infantil (1998):

“[...] Os momentos de jogos e de brincadeiras devem se constituir em atividades permanentes nas quais as crianças poderão estar em contato também com os temas relacionados ao mundo social e natural [...]”

“Cabe ao professor propor atividades em que a criança possa ter o contato com diferentes contextos, que possibilitem diferentes experiências e que sejam compartilhadas entre si. Levar a criança a valorizar algumas manifestações culturais de sua comunidade, pois através delas, elas poderão conhecer e aprender a valorizar sua cultura”.

As brincadeiras que envolvem as manifestações culturais são riquíssimas e têm um papel importante na construção da formação da criança. Através das manifestações culturais, onde envolvem a dança, a música e os movimentos, percebem-se o quanto enriquecem o desempenho das crianças, tanto no contexto escolar, como no social, e isto só vem a enfatizar o valor das brincadeiras para o desenvolvimento da criança, em todos os seus aspectos.

Quanto às brincadeiras que as crianças mais gostam, especificamente a professora (1), “ênfatisa para as brincadeiras de roda, pega-pega, faz-de-conta, brincar de bola, de amarelinha etc”. Da mesma forma, a professora (2), “relata que as crianças gostam praticamente das mesmas brincadeiras que a primeira professora (1). Percebe-se que há muitas semelhanças quanto ao gosto pelas brincadeiras de ambas as professoras.

Vale salientar, que as brincadeiras sugeridas pelas duas professoras são fundamentais para desenvolverem capacidades importantes, como a imaginação, a atenção, a imitação de fantasias, sem falar que também exercem a função de socialização por meio da interação e da utilização de regras e papéis sociais.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (Art. 9ª – 2009): “As práticas pedagógicas devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira”. Enfatizando a importância para troca de experiências entre as crianças e pelas pessoas das quais fazem parte de sua vida, do seu cotidiano e pelo meio social da qual está inserida, e possibilitando novas descobertas e aprendizagem por meio das interações.

De acordo com Vygotsky (1994):

[...] Em uma forma original de compreender a relação entre os processos de aprendizagem e desenvolvimento, ele propõe a noção de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) como referência para transcender as posições teóricas que priorizam o nível de desenvolvimento real [...] A ZDP é o lugar onde, graças aos suportes e à ajuda dos outros, pode desencadear o processo de construção, modificação, enriquecimento e diversificação, do esquema de conhecimento definido para a aprendizagem escolar. Portanto, aprender pela ZDP é pôr em ação competências e habilidades potenciais, primeiramente em um lenário interpsicológico, para que possam ser internalizadas [...].

A ZDP certamente favorece no desenvolvimento das diferentes linguagens da criança, deixando fluir sua imaginação, curiosidades, despertando para os valores sociais, éticos, pelo respeito e, sobretudo, pelo fato de estar se relacionando com o outro e se descobrindo ao mesmo tempo e, desta forma, aprendendo e crescendo.

Ainda fazendo referências a brincadeira do faz-de-conta, da qual as professoras se referem na sua proposta escolar, segundo Darnelles (2001) no livro “Na escola todo mundo brinca se você brinca.” Ela diz que:

[...] É através do faz-de-conta que a criança tem a possibilidade de experimentar diferentes papéis sociais que conhece e vivencia no cotidiano de suas histórias de vida [...] No brinquedo de faz-de-conta, mais do que repetir um modelo de ação que ela observa ocorrer envolvendo um adulto, vivenciado por ela na idade adulta-criança e esta seria também a forma de a criança poder compreendê-lo.

Neste tipo de brincadeira percebemos nitidamente que a criança se imagina no lugar da mãe ou da professora, ou até mesmo de uma pessoa bem próxima a ela, e, dessa forma, fantasia, cria um personagem do qual faz parte do seu cotidiano. Essa é a brincadeira dela, o momento dela, o faz-de-conta da vida dela.

Em se tratando das preferências das brincadeiras para a professora (1), considera que as brincadeiras atuais “são mais atrativas para as crianças do que as brincadeiras tradicionais, pois elas envolvem mais as crianças, elas gostam mais”. Este mesmo pensamento tem a professora (2), onde enfatiza que “há mais interesse por parte das crianças neste sentido” e ela especifica que “as brincadeiras tradicionais resgatam, de certa forma, um contexto bem interessante”. É o caso das brincadeiras de roda, das adivinhações, dos contos, das histórias. No entanto, considera as brincadeiras atuais como “Os jogos de faz-de-conta, quebra-cabeça, jogos de encaixe e de montagem” bem mais divertidos e interessantes porque envolvem mais a imaginação, a criatividade e facilitam melhor o envolvimento nos conteúdos programados.

Neste sentido, percebe-se que as duas professoras seguem o mesmo pensamento em relação aos tipos de brincadeiras, das quais preferem utilizar em suas práticas cotidianas.

Referindo-se as concepções das professoras em relação a optarem pelas brincadeiras atuais que ambas utilizam, praticamente as mesmas brincadeiras com as crianças, sabemos que qualquer tipo de brincadeira é bem-vindo para a criança. Faz-se necessário apenas essa tomada de decisão em colocar a brincadeira como parte essencial do contexto da criança, seja no interior da instituição ou fora dela, o importante é que a criança tenha acesso às brincadeiras.

Segundo as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (2009):

Cabe aos professores ter experiência conjunta com as crianças, excelente oportunidade de se desenvolverem como pessoa e como profissional. Atividades realizadas pelo professor de brincar, contar história, ou conversar com ela sobre uma infinidade de temas, tanto promovem o desenvolvimento da capacidade infantil de conhecer o mundo e a si mesmo, de sua autoconfiança e a formação de motivos e interesses pessoais, quanto ampliar as possibilidades do professor de compreender e responder às iniciativas infantis.

Perante a lei, a responsabilidade do professor recai ainda mais na questão do brincar. A referida lei oferece subsídios para que o professor explore ao máximo este tema e coloque-os em prática, visando despertar na criança os seus valores, suas atitudes, dignidade, prazer, cooperação, senso crítico, de forma a contribuir para o seu desenvolvimento.

Quanto à utilização dos jogos pedagógicos no cotidiano escolar, vale salientar que a professora (1) é categórica em afirmar que “utiliza sim, pois eles facilitam muito no desempenho das crianças e que estes tipos de jogos fazem parte do seu cotidiano escolar, dando ênfase para os jogos de memória, quebra-cabeça, jogos de encaixes, boliches, dados, principalmente os que envolvemos conceitos matemáticos e de raciocínio lógico”.

Da mesma forma, é a opinião da professora (2), ao seguir a mesma proposta, quanto à importância dos jogos pedagógicos e o quanto eles influem no contexto escolar das crianças, pois contêm um cunho especificamente pedagógico, onde envolvem a aprendizagem e, ao mesmo tempo, desempenham caráter lúdico ao conteúdo sugerido na proposta, isto, certamente, facilitará quanto à assimilação do conteúdo, embora um tanto sistemático, mas que proporciona uma aprendizagem significativa e prazerosa.

Kishimoto, conforme Froebel, (2002) afirma que:

As brincadeiras e jogos são atividades que caracteriza a criação e fantasias, em ambientes livres e espontâneos, utilizando o próprio corpo para interagir com o brinquedo. E por meio dos brinquedos, cria espaços para a criança ter iniciativa e expressar sua fala, representando no próprio imaginário.

Neste sentido, entendemos o quanto os jogos e as brincadeiras facilitam no desenvolvimento da criança. O professor precisa saber o momento adequado para utilizar no seu contexto escolar, como também nos momentos livres. Este é o momento ideal para que o professor tenha um olhar perspicaz para o que a brincadeira representa para a criança e as atribuições nela existentes.

Em relação ao espaço utilizado para a prática das brincadeiras, a professora (1) “prefere os espaços fora da sala de aula por ser melhor para desempenhar este tipo de atividades, como também quanto maior o espaço melhor as condições para exercer as brincadeiras de forma harmoniosa, ampla e de qualidade”.

Do mesmo modo, fala a professora (2), ela “prefere os espaços no pátio, na área livre da escola onde as crianças ficam mais livres, ficam mais descontraídas e podem melhor usufruir das brincadeiras, interagindo mais com as outras crianças e, sobretudo, participando com maior interesse nas brincadeiras, e, provavelmente, melhor é o desenvolvimento das crianças neste sentido”.

Percebe-se que as duas professoras se preocupam da mesma forma quanto à valorização do espaço para a prática das brincadeiras no seu cotidiano e isto é fundamental para o processo do desenvolvimento das crianças.

Para Friedmam (2006) “Brincar em espaços abertos é um aprendizado e uma oportunidade para a criança interagir com os outros parceiros e desenvolver suas habilidades físicas”.

Na escola é possível planejar os espaços para brincar, principalmente no pátio por ser um local amplo e ideal para atividades relacionadas ao brincar e neste espaço o professor tem uma grande oportunidade de observar as crianças em suas diversas amplitudes, nas suas relações com os demais colegas, como o brinquedo é compartilhado, os limites que cada um possui, se a criança gosta de determinada brincadeira, seu comportamento, sua maneira de ser e se envolver na brincadeira, deve-se respeitar o limite de cada criança.

Sabemos que enquanto a criança brinca, ela fornece muitas informações a seu respeito e isto é fundamental para que o professor registre e possa analisar o papel da brincadeira na formação e no desenvolvimento da criança.

Em se tratando da opinião de cada professora, no que se diz respeito às brincadeiras fazerem parte do contexto escolar, fica claro que ambas concordam em colocar a brincadeira como atividade primordial na prática educativa. Deste modo, estarão valorizando cada vez mais a importância das brincadeiras para a educação infantil.

Sabe-se, porém, das dificuldades encontradas ao integrar com as brincadeiras no contexto escolar das crianças, uma vez que dá trabalho, implica em mudanças, e para mudar nem todos querem ou não estão preparados, faz-se necessário que o professor tenha um olhar observador, mediante propostas direcionadas e reflexivas enfatizando o “brincar” como parte integrante para o desenvolvimento integral da criança, por conta das habilidades exercidas quando a criança brinca, pois sua expressividade, imaginação, criatividade, respeito e até mesmo superação de algumas dificuldades e, assim, compartilham seus limites, angústias, medos, alegrias, satisfação, com ela mesma e também com o outro e com o seu mundo, dando significados pra sua vida. Vygotsky (1991: 156) enfatiza que:

A criança avança essencialmente através da atividade lúdica. Somente neste sentido pode-se considerar o brinquedo como uma atividade condutora que determina a evolução da criança.

Esta citação nos faz perceber que é de grande importância a brincadeira na vida da criança, pois é através dela que a criança desenvolve suas habilidades e interage com o mundo, investigando, negociando e construindo seu próprio eu, sua identidade, sua história.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo na área da educação infantil vem abrindo grandes caminhos para valorizar cada vez mais a criança, voltando o seu olhar para os aspectos importantes para o seu desenvolvimento de forma global e despertando no professor a aquisição de conhecimentos, estimulando e transformando cada dia mais a realidade da criança na sociedade, integrando-se na cultura e também nos jogos e brincadeiras.

Neste sentido, ressaltamos neste trabalho “a importância das brincadeiras na educação infantil na concepção das professoras”, conforme sua prática docente, quais os conhecimentos que elas têm em relação às brincadeiras e como as colocam em prática e em que momento.

Neste intuito, foram coletados dados através de entrevista individual com duas professoras, que tem como base um questionário de perguntas para cada professora, usando como critério uma professora mais experiente com mais tempo de trabalho nesta área (1) e outra que com menos tempo de trabalho (2), ou seja, novata na educação infantil.

Através destes critérios, fez-se uma análise comparativa sobre o perfil de cada uma em relação ao seu ponto de vista sobre as brincadeiras na sua prática docente, como também na sua concepção como professora de educação infantil.

Mesmo com experiências docentes diferentes de ambas na educação infantil, cada uma tem uma visão bem definida quanto à importância da brincadeira na vida da criança e no seu dia-a-dia.

Embora a primeira professora, com mais experiência na área, ressalta com mais veemência “que sempre utiliza na sua prática a brincadeira como parte fundamental para o desenvolvimento da criança”, a segunda professora, apesar da pouca experiência, também coloca em prática a brincadeira, mesmo sem conhecimento teórico apurado sobre o papel da brincadeira na vida da criança, mas ela possibilita o contato da criança com a brincadeira conforme os seus conhecimentos, de forma mais sistemática.

As duas professoras, embora com níveis de experiências bem distintos, se preocupam em colocar na sua proposta pedagógica e na sua prática a brincadeira como suporte para o desenvolvimento integral da criança, de forma que proporcione a criança o interesse pela autonomia, liberdade, alegria, emoção e que estes sejam determinantes na sua formação como pessoa e como protagonista da sua história.

Tomando como base as respostas das professoras pode-se concluir que apesar de trabalharem nesta área em tempos totalmente diferentes, distantes profissionalmente, elas

entendem que colocar na sua prática docente a brincadeira é valorizar a criança em si, com todos os méritos e direitos, dando a devida importância quanto ao papel da brincadeira na educação infantil.

O professor que valoriza a brincadeira infantil poderá participar como mediador estimulando a fantasia da criança, oferecendo subsídios para que isto aconteça, como; materiais e espaços adequados, participando com as crianças neste momento, assumindo papéis na brincadeira, encorajando-as, estimulando-as e, sobretudo, oferecendo oportunidades para que a criança se realize e seja feliz. Vygotsky (1991: 91), afirma:

“(...) A criança avança essencialmente através da atividade lúdica. Somente neste sentido pode-se considerar o brinquedo como uma atividade que determina a evolução da criança.”

Percebe-se a grande importância que o brincar representa na vida da criança, assim como o professor deve ter a consciência de que é através das brincadeiras que a criança conquista a plenitude para o seu desenvolvimento. E isto, equivale, para o professor como uma reflexão baseada em um planejamento voltado essencialmente para a importância do brincar e as habilidades atribuídas no processo de desenvolvimento da criança, como também que neste momento o professor possa avaliar como as brincadeiras poderão contribuir para o seu desenvolvimento, se estão adequadas às especificidades de cada uma, se são desafiadoras, se despertam o interesse delas.

Estas questões devem ser levadas em consideração por se tratar de uma questão de valorização dos direitos da criança, no que se refere à brincadeira, e todos os benefícios atribuídos neste processo.

Segundo a proposta pedagógica curricular para a educação infantil (2009) o professor necessita:(...) Organizar brincadeiras e outras atividades que coloquem as crianças em contato com diferentes identidades culturais, de modo a valorizá-las (...)

É importante ressaltar que o artigo 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2009), deve ter como eixos norteadores as interações e brincadeiras. O professor necessita ter essa noção, onde através da brincadeira as crianças adquirem inúmeras experiências umas com as outras, criando um vínculo sociável e de aprendizagem.

Ainda apontam os DCNEI (2009):

A brincadeira constitui uma estratégia das mais valiosas na Educação Infantil, devendo constituir a base do trabalho pedagógico. O brincar dá oportunidade para a criança: desenvolver sua imaginação, brincar do seu jeito, imitar o conhecido e construir o novo, assumindo personagens e transformando objetos, apropriar-se de diferentes linguagens.

Cabe ao professor criar situações que propiciem a interação criança com crianças da mesma idade e de idades diferentes, onde elas possam estabelecer a troca de experiências e, portanto, de aprendizagem.

Os professores devem ter consciência de que a brincadeira deve sim ser colocada em primeiro plano na vida da criança, tanto no âmbito escolar como no seu dia-a-dia, embora saibam que a brincadeira dirigida e orientada pelo professor passa a ser uma atividade especificamente objetiva, com um intuito de desenvolver suas capacidades motoras, afetivas e sociais, além do que contribui para o processo de aprendizagem da criança.

No momento em que a brincadeira se torna parte essencial na vida da criança percebe-se também o quanto esta iniciativa pode contribuir para o desenvolvimento da coordenação motora, da expressividade oral e escrita e da interação uns com os outros.

Segundo Froebel (1912), "...A brincadeira é uma forma privilegiada de aprendizagem...". Na medida em que a criança brinca, ela pensa, age, confronta, aprende, estabelece uma relação de afeto, carinho e compartilha seus desejos e emoções.

Desta forma, a brincadeira só tem a contribuir para o importante desenvolvimento das estruturas psicológicas e cognitivas da criança, tornando-se uma necessidade para o seu desenvolvimento integral.

Neste contexto, percebe-se o quanto se faz necessário colocar a brincadeira no cotidiano da criança, como forma verdadeira de educar e cuidar. Desse modo, certamente o professor tem a responsabilidade e a consciência da sua função como incentivador, observador e mediador, em instigar as potencialidades existentes em cada criança.

Contudo, sabe-se, porém, que as dificuldades encontradas são notórias, uma vez que implica atitudes de mudanças, de um planejamento fundamentado e inserido no contexto social e cultural. No entanto, podemos tornar possível todas às possibilidades que incluam a brincadeira como fonte primordial no desenvolvimento da criança. Neste ponto de vista podemos concluir que as professoras colocaram em sua prática docente atividades que incluem as brincadeiras como forma primordial na vida da criança.

Percebemos que as atitudes de cada uma são bem semelhantes, quanto à utilização das brincadeiras no cotidiano escolar, apesar do tempo de experiências profissionais diferentes que cada uma tem, porém os propósitos e os objetivos são bem definidos, isso por conta do real valor atribuído no papel das brincadeiras para o desenvolvimento da criança. Isso, contudo segue a perspectiva que cada professora certamente levará na sua bagagem, a consciência da importância que a brincadeira exerce na vida da criança e provavelmente favorecerá qualitativamente no processo do desenvolvimento integral da criança.

E, essa base, não está apenas em uma atitude secundária, baseadas em colocar as brincadeiras em segundo plano, após realização das atividades pedagógicas planejadas e sim que as brincadeiras sejam concretamente realizadas como forma legal e essencial na conquista de valores, experiências, desejos e realizações na vida da criança.

9. REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. História da Educação. 2 ed. São Paulo: Moderna. 2002

BRASIL, Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5 de 17 de Dez/2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Brasília: 2009

FRIEDMANN, Adriana. O brincar no Cotidiano da Criança. S. Paulo: Moderna, 2006

_____ O desenvolvimento da criança através do brincar, S. Paulo: Moderna, 2006

KISHIMOTO, Tizuka M.(org) Jogos brinquedos brincadeira e educação. S. Paulo: Cortez, 2008

_____TizukaMorchida. Brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil. Texto elaborado para consulta pública sobre temas incluídos nas Diretrizes Curriculares Nacional para a Ed. Infantil (Mec, 2010)

KRAIDY, Carmem e Kaercher, Gládis. Educação Infantil, pra que te quero? Porto alegre: artmed, 2001

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil. Brasília MEC/SEB, 2009

OLIVEIRA, Formosinho, Júlia – Pedagogia (s) da Infância: dialogando com o passado: construindo o futuro, Júlia Formosinho/TizukaMorchidaKishimoto/Mônica AppazzatoPinazza, (org) – PortoAlegre: Artmed, 2007

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar,1978

SMOLE, Kátia Stocoo (org). Porto Alegre: Artes Médicas, Porque Brincar e as brincadeiras

VYGOTSKY, L.S. o papel do brinquedo no desenvolvimento. In: A formação social da mente. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007

APÊNDICE

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS PARA AS DUAS PROFESSORAS

- 01 – Qual é o papel da brincadeira na educação infantil para você?
- 02 – Como você utiliza a brincadeira na sala de aula?
- 03 – Você tem conhecimento teórico sobre a importância da brincadeira na educação infantil?
- 04 – Quais as brincadeiras que você usa com frequência no seu cotidiano?
- 05 – Em que momentos você utiliza as brincadeiras na escola?
- 06 – Que tipo de brincadeiras as crianças mais gostam?
- 07 – Você tem preferência para que tipo de brincadeiras: tradicionais ou atuais?
- 08 – Você utiliza as brincadeiras pedagógicas no contexto escolar? Quais são?
- 09 - Que tipo de espaço você considera mais apropriado para a prática da brincadeira?
- 10 – Em sua opinião, a brincadeira deve fazer parte do contexto escolar da criança?

DECLARAÇÃO

Eu, **José Welliton Furtado Campos**, RG 2007029029820, graduado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa com Respectivas Literaturas, declaro para os devidos fins, ter realizado a correção ortográfica e gramatical bem como a formatação, de acordo com o Guia de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da Universidade Federal do Ceará (UFC), da monografia intitulada: “**O Papel das Brincadeiras na Educação Infantil na Concepção dos Professores**”, de autoria de **Antonia Siebra de Lima Santos**, aluna regularmente matriculada no Curso de Especialização em Educação Infantil, oferecido pela Faculdade de Educação/UFC.

Juazeiro do Norte, 18/02/2013.

José Welliton Furtado Campos

Telefone: (88) 3512-3630.